



CARTAS INTERNACIONAIS



ESTADOS UNIDOS / USA

O povo está se levantando e exigindo um futuro melhor

The people are rising up and demanding a better future

John Bachtell*

Nós não vamos perder as esperanças, qualquer que seja o caminho da história, mas não devemos permitir que a história tome um caminho sem nossa participação.

V. I. Lênin

Os EUA estão passando por sua crise econômica, política e social mais profunda desde a Grande Depressão dos anos 1930, uma crise desencadeada pela pandemia de covid-19. Além dessa mistura já volátil, ocorreu o horrendo assassinato racista de George Floyd, afro-americano residente em Minneapolis. Sua morte, juntamente com os assassinatos anteriores, também neste ano, de Ahmaud Arbery e Breonna Taylor, despertou a onda mais significativa de manifestações e distúrbios civis nos Estados Unidos desde 1968.

As revoltas apresentam novos desafios tanto para o movimento democrático de massa contra Trump quanto para a extrema-direita política. Como essa crise multilateral vai acabar, quem arcará com as despesas, como o país ficará após a crise e como será o equilíbrio político de forças, tudo isso está sendo ferozmente debatido.

A pandemia de covid-19, a crise econômica e a luta contra a supremacia branca revelaram a natureza brutal e impiedosa do capitalismo estadunidense, que agrava todas as crises, acelera todo processo econômico e social e aprofunda desigualdades sociais, de classe, raça e gênero.

Mais de 110 mil pessoas morreram de covid-19 até agora, a maior marca do mundo. Negros e latinos estão apresentando um número desproporcional de mortes por causa do racismo estrutural e da desigualdade.

Os estadunidenses enfrentam uma emergência econômica de longo prazo: quase 50 milhões perderam o emprego e, segundo estimativas, 45% não vão voltar ao mercado de trabalho. Muitas pequenas empresas fecharão permanentemente e algumas grandes corporações irão declarar falência.

Trabalhadores desempregados só estão sobrevivendo por causa do seguro-desemprego pago pelo governo, benefício que Trump e o Partido Republicano ameaçam eliminar. Imigrantes sem documentos, inelegíveis para compensações de desemprego

e assistência médica federal, só estão recebendo socorro em alguns estados controlados pelo Partido Democrata.

Milhões de pessoas perderam seu convênio de saúde. O sistema de saúde público, aleatório, desigual e frágil, mostra o quanto o racismo estrutural impacta pessoas não brancas.

A crise revelou o dano causado por décadas de austeridade e de cortes no financiamento dos serviços sociais. Quarenta anos de salários congelados deixaram a maioria dos trabalhadores com menos de US\$ 400 na poupança para casos de emergência. Milhões esperam em longas filas por alimento emergencial e são ameaçados de despejo.

Enquanto isso, 600 bilionários estadunidenses enriqueceram mais de US\$ 430 bilhões nos primeiros dois meses de pandemia, inclusive recebendo dinheiro graças à legislação de emergência aprovada pelo Congresso. Alguns capitalistas estão roubando por meio de estocagem e de reajustes de preços em meio à escassez de material médico essencial e de outros produtos.

A ofensiva se sobrepõe à vontade de um setor de capitalistas aliados ao Partido Republicano de usar a crise para impor uma forma ostensiva e brutal de regulamentação corporativa com o intuito de explorar, retirando todas as proteções profissionais e ambientais e passando por cima de direitos trabalhistas.

TRUMP E A OFENSIVA DE DIREITA PARA REABRIR A ECONOMIA

A crise de covid-19 e as mortes são ainda piores por causa da abordagem de governo da gestão Trump, a incompetência em algumas áreas, a psicopatologia do presidente, sua rejeição à ciência e sua confiança em soluções propostas pelas forças desreguladas do mercado capitalista.

Trump e a extrema-direita estão promovendo uma ofensiva maciça e multifacetada para “reabrir” a economia a todo custo, medida vista como fundamental para a reeleição do presidente. A estratégia emprega uma combinação de ameaças econômicas, esquadrões de lacaios fascistas, desinformação em massa e teorias da conspiração difundidas pelo ecossistema midiático de direita, além da supressão de dados científicos. Cada pessoa, família, comunidade e estado estão abandonados à própria sorte.

O movimento democrático de massa que envolve largos setores da sociedade estadunidense, incluindo representantes eleitos, sindicatos, entidades de direitos civis e organizações de mulheres, LGBTQ, ambientais e da juventude, está defendendo uma abordagem que envolve intervenção governamental maciça, ciência e liderança de especialistas de saúde pública. Essas propostas estão sendo adiantadas na campanha presidencial e pela maioria democrata na Câmara dos Representantes¹ dos Estados Unidos.

A maioria dos estadunidenses se opõe a voltar ao trabalho, à escola ou à vida social sem mais proteções, testes e rastreamento de contatos, todos necessários para mitigar a disseminação da covid-19 até o desenvolvimento de uma vacina.

A luta contra a ofensiva de Trump é uma batalha central contra a extrema-direita e os supremacistas brancos e a favor da democracia e até mesmo da vida.

¹ N.T.: Câmara do Congresso dos Estados Unidos.

Trump e a extrema-direita estão promovendo uma ofensiva maciça e multifacetada para “reabrir” a economia a todo custo, medida vista como fundamental para a reeleição do presidente. A estratégia emprega uma combinação de ameaças econômicas, esquadrões de lacaios fascistas, desinformação em massa e teorias da conspiração difundidas pelo ecossistema midiático de direita, além da supressão de dados científicos

CRISES INTERLIGADAS E INSUSTENTÁVEIS

Os Estados Unidos estão em um ponto de inflexão potencialmente histórico. Classes rivais e forças sociais disputam o futuro com ferocidade. Antes mesmo da pandemia, a humanidade já estava enfrentando ameaças ecológicas e existenciais encadeadas, concentração de riqueza extrema e militarização. Somado a isso, havia o perigo de guerra nuclear, falta de acesso à tecnologia e ataques à democracia.

Os EUA são um poder imperialista em declínio. Os círculos dirigentes do país podem ou tentar restaurar seu domínio global, promover o nacionalismo econômico, retornar às manufaturas domésticas (com resultados dúbios, dada a robótica e a inteligência artificial) e correr o risco de uma nova Guerra Fria ou guerra quente com a China, ou se adaptar a essas mudanças e buscar o multilateralismo e uma maior cooperação global em áreas críticas.

Os EUA passaram por outros momentos de virada em sua história. Alianças gerais de classe e de forças sociais e levantes democráticos de massa conduziram o desenvolvimento durante a Guerra Civil, a Grande Depressão e a era do movimento pelos direitos civis para chegar a transformações sociais. O potencial do momento de virada atual e a necessidade de resolver as crises encadeadas não são diferentes, mas de uma natureza mais básica.

ESFORÇOS CONTRA A EXTREMA-DIREITA E O PERIGO FASCISTA

A extrema-direita dos EUA e o perigo fascista têm crescido desde o fim do movimento pelos direitos civis dos anos 1960-1970 e do levante pela paz que resultou em políticas significativas e avanços sociais. O objetivo da extrema-direita é eliminar todos os direitos trabalhistas e sociais conquistados desde 1930, restaurar a rentabilidade das empresas dos EUA e a hegemonia global inquestionável do país e impor um domínio de extrema-direita e até mesmo fascista.

A vitória de Trump na eleição presidencial de 2016 reflete o novo nível do perigo da extrema-direita. Seu sucesso foi principalmente o resultado da polarização política,

exclusão de votantes e interferência estrangeira. Trump explorou uma reação racista contra a eleição de Barack Obama, o primeiro presidente negro dos EUA, além da misoginia, xenofobia, antissemitismo e homofobia.

Trump também explorou a raiva gerada pelo declínio do padrão de vida, a erosão de confiança no governo, nos meios de comunicação de massa e em outras instituições políticas e sociais. Ele explorou o medo de muitos eleitores brancos com relação a alterações demográficas raciais.

Um setor extremamente reacionário de bilionários de Wall Street, a indústria de combustíveis fósseis, as corporações militares, os fabricantes de armas, fundamentalistas religiosos, uma mídia de direita robusta, supremacistas brancos e forças fascistas apoiaram Trump.

CARACTERÍSTICAS DO AUTORITARISMO E DO FASCISMO NOS EUA

A presidência de Trump é a mais corrupta, instável e permeada por crises da história dos EUA. Trump levou a nação a uma série de crises constitucionais e democráticas.

Ele abraça abertamente supremacistas brancos e fascistas armados, insistindo em que eles “libertem” os governos dos estados controlados pelos democratas, e finge não ver a violência. Ele envenena a atmosfera nacional com xenofobia e racismo antinegros e anti-imigrantes. Isso levou a um pico de crimes de ódio, violência e assassinatos de negros estadunidenses e ao encarceramento e deportação de imigrantes.

A presidência de Trump leva a marca da versão estadunidense de um governo de terror, de um Sul pós-reconstrução, com partido único, leis de segregação racial e repressão violenta contra negros e outras minorias raciais por trás de um verniz de instituições democráticas. A novidade é a intolerância contra muçulmanos, o deslocamento do alvo para imigrantes centro-americanos e mexicanos e a narrativa de que mexicanos são estupradores, usada para incentivar a pior forma de patologia racista.

Logo depois da sua absolvição na farsa do julgamento de impeachment no Senado estadunidense, em que respondeu por acusações de extorsão para manipular as eleições de 2020 e de obstrução ao Congresso, Trump acredita estar acima da lei e vem expurgando aqueles que vê como desleais nas agências governamentais, incluindo aparatos de segurança nacional.

Trump consolidou sua influência no Partido Republicano, que busca se consagrar como força governante permanente, mesmo sendo um partido minoritário. Os republicanos estão atingindo esse objetivo principalmente por meio da supressão maciça de votos e de um projeto de reversão nas mudanças demográficas históricas.

Centenas de macetes políticos de extrema-direita foram instalados pelo Senado dominado por republicanos por intermédio do Judiciário, incluindo a Suprema Corte, alinhando o sistema judicial aos objetivos políticos da direita.

O onipresente ecossistema midiático de direita apoia e aconselha Trump, enquanto constrói uma seita em torno dele. Milhões de seguidores devotos aceitam doses diárias da propaganda tóxica que emana da Casa Branca.

A REVOLTA DEMOCRÁTICA DE MASSA

Um movimento democrático crescente, amplo e diverso está contestando passo a passo o levante da direita. Esse movimento é enraizado na classe trabalhadora multirracial dos EUA, composta de trabalhadores organizados, negros, latinos, asiáticos, indígenas, a maioria das mulheres, jovens e pessoas LGBTQ, além de movimentos democráticos de massa a favor do meio ambiente, da saúde pública, do fim da violência armada e de outras questões.

Movimentos democráticos e a unidade da classe trabalhadora formada por pessoas de diversas raças, nacionalidades, gêneros e gerações cresceram desde a eleição de Trump. Esses movimentos, incluindo a ascendente tendência socialista, ajudaram a alterar dramaticamente a opinião pública.

A consciência social está sendo radicalizada pelo desenvolvimento objetivo, pela luta de classes e pelos movimentos democráticos. A consciência de classe está crescendo em resposta à extrema concentração de riquezas, ao congelamento de salários e à guerra empresarial contra direitos trabalhistas. Uma maioria antirracista tem crescido na batalha contra a supremacia branca, a violência racista de policiais e vigilantes e as tentativas de realizar retrocessos em direitos das mulheres.

Elementos da classe dominante, incluindo setores militares, opõem-se à extrema-direita e a Trump. Os recentes usos de força pela polícia militar e as ameaças de Trump em usar os militares para se opor às revoltas populares acentuaram esses desenvolvimentos.

Unindo-se ao levante antidireita está a maioria da mídia *mainstream*, a indústria do entretenimento e figuras de destaque da cultura e dos esportes.

A “frente popular” opera em muitos campos. Recentemente, trabalhadores litorâneos fizeram greve de um dia em ambas as costas estadunidenses para se opor à violência policial. O Partido Democrata, que controla a Câmara dos Representantes dos Estados Unidos e muitos governos e legislaturas estaduais, é um dos principais veículos. Dessa posição, algumas das piores políticas dos republicanos estão sendo fiscalizadas em nível federal e em alguns estados.

Os movimentos sociais e democráticos de massa, que explodiram em resposta à eleição de Trump, agora são um fator significativo da política estadunidense, até mesmo dentro do Partido Democrata. Em particular, movimentos de massa contra o sexismo e a misoginia liderados por mulheres estão fazendo interseções com movimentos contra o racismo, pelos direitos dos trabalhadores e outros.

Essas forças impulsionaram uma vitória retumbante nas eleições de meio de mandato de 2018 e obtendo uma maioria democrata na Câmara, vitórias-chave em 2019 e mais uma vez neste ano, 2020. Um número recorde de ativistas, mulheres, pessoas não brancas, sindicatos, ativistas LGBTQ, socialistas e comunistas foram eleitos. Esses representantes recém-eleitos estão ajudando a transformar a opinião pública e corpos legislativos no processo de fazer avançar legislações progressistas.

No período recente:

- negros e o movimento Black Lives Matter desencadearam um levante nacional de pessoas de todas as raças e nacionalidades, conduzindo a um movimento contínuo contra o racismo institucionalizado e a supremacia branca e exigindo uma reforma na justiça criminal, além do fim dos assassinatos cometidos pela polícia;
- mais de 200 greves aconteceram desde o começo da pandemia, exigindo medidas de segurança e aumentos salariais. O número de trabalhadores associados a sindicatos tem aumentado;
- o movimento #MeToo ajudou a transformar o debate nacional sobre machismo institucionalizado e abuso sexual e doméstico;
- movimentos contra dívidas estudantis popularizaram as ideias de cancelamento de dívidas e de instituição de mensalidades gratuitas nas universidades;
- o movimento de direitos dos imigrantes ajudou a transformar o debate nacional, trazendo pessoas sem documentos para fora das sombras e exigindo um caminho para a obtenção de cidadania;
- campanhas organizadas por trabalhadores de baixos salários para ganhar um mínimo de US\$ 15 por hora ajudou a mudar a opinião pública e foi vitoriosa em estados e municípios ao redor do país;
- greves e protestos docentes transformaram o debate nacional, antes focado na demonização dos professores de escolas públicas, movendo-o na direção da defesa do aumento de salários e do desafio às políticas austeras da direita;
- funcionários públicos e comissários de bordo aéreos deram um fim ao fechamento parcial decretado pelo governo Trump por 35 dias, quando ameaçaram fechar todo o sistema nacional de tráfego aéreo;
- propostas de taxação de riquezas estão se firmando em níveis federal, estadual e municipal;
- movimentos de justiça climática ajudaram a transformar o debate nacional sobre a crise do clima com uma proposta radical para sustentabilidade chamada Green New Deal;
- o movimento “Medicare for All” ajudou a transformar o debate nacional sobre assistência médica, vista agora como direito universal.

TENDÊNCIAS DE ESQUERDA, SOCIALISTAS E COMUNISTAS

Um novo detalhe do levante da democracia de massas é o crescimento rápido de tendências políticas de esquerda e socialistas. Antes da candidatura presidencial do senador Bernie Sanders (de Vermont), a discussão de alternativas socialistas não existia na política estadunidense. A presença pública de uma corrente socialista é uma ruptura histórica com o anticomunismo da Guerra Fria.

Mais da metade dos jovens e negros têm atitudes positivas em relação ao socialismo. O futuro da política dos EUA será cada vez mais moldado por esse fator.

Os sentimentos socialistas ainda não estão concentrados maciçamente na classe trabalhadora ou em um partido socialista por causa das peculiaridades do sistema eleitoral bipartidário dos EUA. Esse sistema é extremamente antidemocrático e evita que outros partidos consigam eleger representantes.

Na maioria das vezes, essas forças operam de forma independente dentro e fora do Partido Democrata.

O Partido Comunista dos EUA (CPUSA), celebrando seu 100º aniversário, está desfrutando o período de maior crescimento desde seu pico, nos anos 1960. O público dos sites *People's World* e *CPUSA* e das aulas *on-line* sobre marxismo tem crescido significativamente. O partido está estabelecendo novas relações e organizações de base em todo o país. Isso inclui coalizões eleitorais e candidaturas a cargos oficiais.

ELEIÇÕES DE 2020

O crescimento do perigo da direita e do fascismo torna imperativa a expulsão de Trump e da maioria republicana do Senado nas eleições de novembro de 2020. Trump se torna mais errático e desesperado à medida que sua popularidade diminui. O povo está cada vez mais preocupado com a possibilidade de ele usar a crise atual para cancelar as eleições ou cometer uma enorme fraude para vencer.

A frente popular contra Trump, a extrema-direita e o perigo fascista vai se expressar eleitoralmente na luta do Partido Democrata para manter sua maioria na Câmara dos Representantes e retomar o Senado e a Presidência da República. O ex-vice-presidente Joe Biden é o provável candidato dos democratas. Biden é uma força central no Partido Democrata. Junto com Bernie Sanders e outros, ele está tentando unir a oposição insurgente em uma força capaz de derrotar a hegemonia da extrema-direita. Algumas das posições públicas do ex-vice-presidente responderam aos movimentos e à dimensão da crise.

Ainda não está claro qual vai ser a aparência de um mundo pós-covid, por quanto tempo durará, quão profunda será a crise econômica e que formato vai ter a economia que emergirá dela. A crise encadeada e sistêmica precisará de soluções transformadoras e integradas. Ela não pode ser e não será resolvida dentro do quadro neoliberal capitalista de austeridade, desregulamentação, privatização e exportação de capital.

Como Joe Sims, copresidente da CPUSA, disse: “Há apenas duas maneiras de resolver a crise: sobre as costas dos pobres ou sobre as costas dos ricos. Em outras palavras, isso significa mais capitalismo ou mais socialismo.”

A escala da crise vai requerer um papel amplificado do governo para o bem comum — a expansão radical do setor público, a infusão maciça de capital na esfera pública e uma redistribuição da riqueza em benefício da classe trabalhadora.

A esta altura, parece que uma nova gestão democrática poderá adotar uma agenda de governo mais progressista, para bombear trilhões de dólares a mais na economia, criar projetos de larga escala destinados à crise de infraestrutura e climática, promulgar leis agressivas de proteção aos trabalhadores, expandir convênios de saúde pagos pelo governo e fazer enormes investimentos na saúde pública e em programas de assistência infantil. Ainda estamos por ver se essas reformas serão suficientes ou se um movimento poderoso o bastante emergirá para garanti-las.

Uma agenda de reformas radicais da classe trabalhadora e do povo está emergindo do levante democrático que influencia o processo inteiro. Essa agenda inclui: saúde pública universal; um programa abrangente de transição da economia e da sociedade dos EUA para padrões de sustentabilidade até 2050; renda mínima universal; criação de milhões de novos empregos por meio da reconstrução da infraestrutura da nação e da indústria de base, lidando também com a perda de empregos por conta da automação; taxação das grandes fortunas e imposição de limites ao poder das corporações transnacionais; reformas democráticas radicais abordando racismo estrutural e machismo em todas as áreas da vida; reforma da justiça criminal, acabando com o encarceramento em massa e estabelecendo um controle democrático da polícia; reformas das leis trabalhistas para facilitar a formação de sindicatos; eliminação de dívidas estudantis e oferta de ensino universitário em todas as instituições públicas; reconstrução radical da política externa imperialista e desmantelamento do complexo militar-industrial, e reforma da política de imigração, viabilizando a conquista de cidadania para 11 milhões de trabalhadores e famílias sem documentos.

No entanto, nenhum ganho transformador é possível sem crescimento, mobilização e ação da classe trabalhadora, além de um movimento de democracia de massa em todas as áreas de luta, incluindo as arenas econômica, política, eleitoral e ideológica. O papel dos comunistas, da esquerda e de outras forças políticas avançadas é ajudar a construir esse movimento em todas as direções, expandir sua abrangência, aprofundar a consciência de classe e contribuir para imbuí-la de estratégias revolucionárias e táticas necessárias para a vitória.

* Sindicalista, líder comunitário e ativista por justiça social e ambiental. Presidente da Long View Publishing Co., editora que publica *People's World*. Foi presidente do Partido Comunista dos Estados Unidos (CPUSA) entre 2014 e 2019.

ALEMANHA / GERMANY

A situação política da Alemanha e a missão dos comunistas

The political situation in Germany and the mission of the communists

patrik köbele*

A Alemanha é um dos países economicamente mais fortes do mundo. O DKP¹ vê a luta contra a burguesia monopolista da Alemanha, o imperialismo alemão, como sua principal missão. Também age no interesse de todos os trabalhadores da Europa e do globo. É internacionalista porque os sucessos da classe trabalhadora, aliada às outras classes trabalhadoras deste país, limitam as manobras da Alemanha imperialista para saquear outros países.

De fato, percebemos que o capital monopolista está na ofensiva desde a década de 90 do último século. Depois de 1945, tiveram de ser feitas concessões consideráveis para equilibrar o poder, favoravelmente ao movimento trabalhista. A Alemanha Ocidental foi transformada em uma vitrine diante dos países socialistas da Europa Oriental. O movimento sindical reformista conseguiu, então, considerável sucesso material e sociopolítico. A ideologia voltada à harmonia de classes (“colaboração social”) foi hegemônica por décadas.

O equilíbrio de poder mudou radicalmente, com desvantagem para a classe trabalhadora e amplos setores da população, em parte como resultado da contrarrevolução nos antigos países socialistas da Europa e da União Soviética. O Partido Social-Democrata (SPD), que foi influente na classe trabalhadora, transformou-se em partido neoliberal. Junto com o antigo partido de protesto Os Verdes, autodenominado ecológico, a União Democrata-Cristã (CDU) e outros partidos burgueses, o sistema de segurança social pelo qual se lutou por décadas foi sistematicamente desregulado e privatizado.

Como resultado, foi possível reduzir os níveis salariais, enquanto grande parte do setor público, incluindo propriedades coletivas da República Democrática Alemã (RDA), socialista, puderam ser incluídas na exploração do capital.

A nova força do imperialismo alemão tornou possível que as corporações alemãs produzam com eficiência enquanto pagam pouco aos trabalhadores. A Alemanha é um país de salários baixos se comparados à produtividade. Isso mantém o

1 N.T.: Partido Comunista Alemão.

boom das exportações alemãs a todo vapor, à custa dos outros países, com a Alemanha dominando a Zona do Euro.

Desacelerar a ofensiva do capital monopolista em áreas específicas e, a longo prazo, atingir uma mudança no equilíbrio de poder em detrimento do capital monopolista: essa é a próxima meta dos comunistas. É isso que queremos expressar com uma mudança em direção da paz, do desarmamento e do progresso democrático, social e ecológico. Ao fazê-lo, assumimos que o progresso sob o capitalismo não pode ser assegurado permanentemente e que a luta pela sublevação socialista deve continuar.

No 23º congresso do nosso partido, em março de 2020, avaliamos a situação na Europa da seguinte forma:

- a União Europeia (UE), dominada pelo imperialismo alemão, está intimamente vinculada à Otan. Sob as lideranças da Alemanha e da França, no entanto, ela age de forma independente na luta por influência mundial, em parte compartilhando seus esforços com o imperialismo dos EUA, em parte o contradizendo;
- devido à competição e ao desenvolvimento necessariamente assimétrico entre os países da UE, as contradições internas do bloco estão aumentando. Ele continua dividido entre um centro rico e periferias mais pobres ao leste e ao sul. Ideias de direita podem continuar florescendo em certos países europeus. Partidos de direita se aproveitam dos medos e preocupações da população e podem conquistar votos com *slogans* correspondentes;
- a UE foi enfraquecida pela saída do Reino Unido (Brexit). A instabilidade da Zona do Euro persiste. França e Alemanha, como líderes da UE, estão competindo entre si enquanto sofrem de problemas políticos internos. O movimento dos “coletes amarelos” na França e a crise dos partidos burgueses “tradicionais” em ambos os países são prova disso. No entanto, sobretudo na Alemanha, a classe trabalhadora, que em parte se beneficia economicamente com o papel de liderança do imperialismo alemão, continua integrada com sucesso ao projeto da UE;
- a burguesia alemã quer crescer para se tornar potência mundial por meio da UE, e, nesse meio-tempo, transformar-se no poder econômica e politicamente dominante na UE. No entanto, o imperialismo alemão está enfrentando um enorme problema: as 30 empresas do DAX² obtêm 22% dos seus lucros nos EUA, mas já também 16% na China — com tendência de crescimento. Só por meio da UE a burguesia alemã pode ter esperanças de ser politicamente forte o suficiente para resistir à pressão exercida pelos EUA, via sanções e outras medidas punitivas, com o objetivo de obrigá-la a escolher entre um mercado e outro. Ao mesmo tempo, as próprias políticas alemãs desestabili-

2 N.T.: Relação das 30 mais bem-sucedidas companhias abertas da Alemanha.

zaram a EU, com seu recorde de exportações à custa dos outros, sua rigorosa austeridade e a busca imprudente por dominação;

- a economia alemã é, em grau excepcionalmente alto, dependente da exportação de bens. Voltada para a exportação, destruiu indústrias de seus vizinhos europeus, aumentando o desemprego e dívidas a níveis gigantescos. Agora isso está se voltando contra a própria Alemanha, com oportunidades de venda declinantes, processos de desintegração crescentes dentro da UE e sustentação de movimentos chauvinistas pela classe dominante de países vizinhos, que são empurrados contra a parede;
- a orientação unilateral da economia alemã agora sofrerá retaliação. A intensificação comercial e a guerra de sanções declarada pelos EUA, em conexão com o início de uma crise econômica, começam a atingir a economia alemã com força, especialmente a indústria automobilística. A classe trabalhadora está enfrentando uma nova onda de demissões em massa e uma tentativa da classe dominante de transferir o ônus desse declínio para os trabalhadores, cortando salários e benefícios sociais. Principalmente em razão das grandes mudanças nas indústrias automobilística e energética (por exemplo, a eliminação progressiva do lignito), o risco de milhares de empresas falirem aumentou enormemente;
- um aspecto essencial da estratégia do imperialismo alemão é a deliberada integração às políticas da Otan e à política de guerra do imperialismo estadunidense. Refletindo o seu significativo espaço econômico, o imperialismo alemão se esforça por obter maior influência na aliança militar da Otan e se empenha pela militarização da UE. Apesar do seu intensificado desenvolvimento militar, o capital monopolista alemão continua no encalço do imperialismo estadunidense, para fazer avançar seus interesses expansionistas em escala global.

Observamos os seguintes acontecimentos europeus, no contexto do desenvolvimento global:

- os EUA continuam sendo a maior potência econômica, política e militar do sistema imperialista global. Sua classe dominante está se esforçando para impedir o declínio do imperialismo estadunidense como poder hegemônico em uma ordem global unipolar. Daí a estratégia de contenção da República Popular da China, da Federação Russa e de outros países que buscam um desenvolvimento autodeterminado e resistente aos ditames dos estados imperialistas. Guerras, sanções, sabotagem, cercos militares, ameaças de intervenção e de guerra são todos elementos dessa estratégia agressiva. Os EUA e a aliança militar da Otan liderada pelos EUA representam o principal perigo

de conflagração, incluindo o perigo de uma guerra mundial nuclear, ameaçando a existência humana;

- guerras, destruição de meios de subsistência, opressão imperialista, exploração e competição capitalistas matam milhares de pessoas, forçando milhões a lutar e a migrar. O imperialismo usa as fugas e migrações que causa para desestabilizar economias e aumentar a competição entre os explorados;
- a República Popular da China e a Federação Russa estão atualmente se opondo às políticas agressivas dos países que lideram a Otan sem agir de forma igualmente agressiva. Sua política busca essencialmente a adesão às leis internacionais, o respeito às soberanias nacionais, a cooperação em vez do confronto, a estabilidade no lugar da destruição deliberada de Estados e uma ordem mundial multipolar. Recentemente, isso contribuiu significativamente para prevenir uma mudança de regime na Síria, que ameaçaria condições como as da Líbia ou do Iraque, assim como evitou um golpe reacionário contra o governo progressista da Venezuela.

O desenvolvimento internacional, cujo futuro ainda não podemos prever, envolve perigos em função do aumento da agressividade do campo imperialista, mas também oportunidades para as forças de paz e anti-imperialistas.

Nessa situação, as medidas de *lockdown* associadas à pandemia de coronavírus têm um efeito propagador. A crise econômica, que sobreveio no início de 2019, recebe um impulso adicional.

As tendências negativas para a classe operária vão se intensificar: no momento, 23,4% de todos os empregos já são precários. Jovens são afetados de modo particularmente sério. A pobreza entre velhos será uma consequência. Corporações alemãs já iniciaram demissões em massa em 2019: 15 mil na Daimler-Benz, 4,3 mil no Commerzbank, 18 mil no Deutsche Bank, mais de 2 mil na Bosch. O fechamento de plantas da ThyssenKrupp já foi anunciado. A rede de varejo Real está prestes a ser desmantelada, e outro grupo varejista, Karstadt Kaufhof, está atualmente passando por um processo de falência.

A situação excepcional da pandemia está sendo usada como pretexto para atacar direitos trabalhistas. A classe dominante está se valendo da crise do coronavírus de maneira política e economicamente egoísta.

Medidas de socorro tomadas pelo Estado, como os chamados resgates financeiros, são direcionadas principalmente a grandes indústrias e bancos. Espera-se que os trabalhadores, funcionários assalariados e pequenas empresas paguem a conta. Medidas excessivas tomadas durante a quarentena efetivamente prevaleceram sobre direitos fundamentais como a liberdade de opinião e o direito de reunião, e a proteção ao lar foi abolida. A vigilância de celulares e o uso da Bundeswehr³ (3) para tarefas ofi-

3 N.T.: Forças Armadas alemãs.

ciais do Estado estão sendo implementados. Os parlamentos vêm sendo controlados e sua participação é restrita. O que era aplicado apenas em tempos de guerra sob leis emergenciais está sendo testado e viabilizado em tempos de paz. Isso vai impulsionar uma política que funciona há algum tempo e é caracterizada, entre outras coisas, pelo fortalecimento de leis policiais e restrições à liberdade de opinião e de imprensa. O Estado está se armando para conseguir agir e vencer resistências em tempos de crise. Isso obviamente está sendo antecipado.

Nós, comunistas, não somos os únicos a temer que o endurecimento de leis e o desmantelamento de direitos fundamentais, medidas agora implementadas, contínuem a valer após o fim da pandemia.

O capitalismo aperfeiçoa os mecanismos da manutenção de poder.

É particularmente desprezível a forma pela qual o capitalismo consegue repetidamente usar problemas e desastres que ele mesmo causa para aumentar a exploração, lucrar e estabilizar seu domínio. Suas guerras e a destruição de recursos naturais e de meios de subsistência social forçam milhões a fugir — e isso é usado para construir a fortaleza UE e importar especialistas treinados a baixo custo, a fim de aumentar a competição entre os explorados.

O lucro e o princípio da competição são os fundamentos sobre os quais as contradições entre o desenvolvimento de forças produtivas e as condições de produção na relação entre homem e natureza criam um efeito destrutivo e até ameaçador para a humanidade. A crise ecológica, a extinção de espécies, as mudanças climáticas, a poluição dos mares, ou seja, a destruição dos recursos naturais, tudo clama por planejamento social em escala global. Clama pela superação do capitalismo. Em vez disso, a crise está sendo usada para deixar para trás os países em desenvolvimento, que vendem seus certificados de CO₂ em vez de construir indústrias básicas. Isso é usado para espalhar a ideologia da renúncia, que tem a intenção de ocultar o fato de que o problema são as condições de produção, não o consumo. A crise ecológica também faz parte da crise geral do capitalismo.

Não pode haver uma força contrária bem-sucedida sem a classe trabalhadora. Esta deve ser o centro de um movimento que aja diretamente contra o capital monopolista, elemento determinante da estrutura do imperialismo. Isso requer unidade de ação da classe trabalhadora. A classe dominante sabe muito bem disso e faz de tudo para prevenir o contramovimento. Essa é uma forma de desarmar a classe trabalhadora.

A outra é o veneno das “parcerias sociais”, a ilusão de que estamos todos no mesmo barco com os exploradores. Eles estão dispostos a pagar um preço para manter essa ilusão. Fazem concessões para parcelas da classe trabalhadora alemã, ou pelo menos as atacam com menor força que seus companheiros de classe na Grécia, por exemplo. O lucro extra que o capital monopolista alemão toma da UE fornece as bases para tal.

Essa questão está ligada ao problema estrutural do movimento sindical alemão, já que os conselhos de trabalho de grandes empresas são de importância primordial para a formação de opinião dentro dos sindicatos. Por um lado, isso é lógico,

já que a força de trabalho das grandes empresas ainda é como um carro-chefe para o movimento trabalhista. Por outro lado, complica a tarefa básica do movimento sindical, que é evitar a competição intraclasse, especialmente quando, ao mesmo tempo, suas parcelas excluídas mal têm um papel a exercer. A mentira sobre os 70 anos de paz na Europa e na UE foi adotada, assim como a bobagem de que a UE representaria prosperidade ou seria um baluarte contra a direita. A integração de parcelas essenciais dos movimentos trabalhistas e sindicais à Otan e à estratégia do capital monopolista na UE é um aspecto central da fraqueza do movimento trabalhista na Alemanha.

A mistura de ilusões relativas a parcerias sociais com a falta de internacionalização é perigosa, pois dá margem ao surgimento do racismo, do nacionalismo e do chauvinismo, ou seja, ao agravamento da divisão de classes. Infelizmente, a internacionalização está pouco presente na consciência da classe trabalhadora no nosso país. Contrariar isso é tarefa central para um partido comunista, algo que temos de fazer todos os dias, quando a mídia e os políticos jogam setores nacionais da classe trabalhadora uns contra os outros ou quando se manifestam contra nossos camaradas de classe na Grécia, em Portugal ou qualquer outro lugar. É importante combater o belicismo que eles adicionam à russofobia e à propaganda contra a República Popular da China. Trata-se de solidariedade internacional e, mais do que nunca, solidariedade com a luta na América Latina. Golpes imperialistas no Brasil e na Bolívia, ataques na Nicarágua, a marionete Guaidó na Venezuela — tudo isso visa ao povo desses países e vai contra a Cuba revolucionária e seu trajeto socialista.

* Presidente do Partido Comunista Alemão (DKP).

FRANÇA / FRANCE

A França em um tempo de contestações mundiais

France in a world time of upheaval

Pascal Torre*

Ao longo da última década, um movimento duplo se desenvolveu na França. No contexto da globalização capitalista, as forças neoliberais aceleraram sua ofensiva. Correlativamente, formas de resistência e de mobilização populares adquiriram uma nova visibilidade quantitativa e qualitativa. Ao mesmo tempo que essas formas demonstram a raiva e a rejeição voltadas aos políticos em atividade, inauguram um novo capítulo em sua articulação com a política.

A OFENSIVA DAS FORÇAS NEOLIBERAIS

Sob pressão do capital, das instituições europeias e da globalização ultraliberal, os lacaios políticos da burguesia aumentam por toda parte sua agressividade em relação ao mundo do trabalho. O objetivo é pulverizar as proteções adquiridas pelas lutas sociais e as conquistas políticas da esquerda, a fim de generalizar a precarização e o *dumping* social e aumentar as taxas de lucro. Todas as crises, seja a de 1997, a de 2008 ou a que se desenvolve neste momento com a pandemia de covid-19, são oportunidades para tirar vantagem da situação.

Desde 2016, uma série de leis, criadas por governos socialistas ou de direita, foram adotadas para atacar os direitos dos trabalhadores e dos aposentados.

A amplitude dos recuos impostos aos direitos dos trabalhadores é considerável. Agora, as empresas têm a possibilidade de desmontar regras anteriores em relação à duração máxima da jornada de trabalho (que vai de 10h para 12h), aos salários horários, à remuneração de horas extras ou às licenças. Os desempregados tiveram seus benefícios reduzidos, enquanto os exames médicos cobertos pelos empregadores foram suprimidos, notadamente para os trabalhadores expostos a riscos. Hoje, em nome da recuperação econômica, o patronato quer aumentar o tempo de trabalho e reduzir as férias remuneradas. Para facilitar esses retrocessos, os acordos por empresa agora têm precedência sobre as convenções coletivas, e os referendos internos, sob controle dos patrões, buscam destruir a oposição dos sindicatos.

A lei da aposentadoria é um verdadeiro projeto de destruição do pacto social francês. A liquidação dos regimes especiais para os trabalhadores de menor remuneração, os menos valorizados e os mais expostos a riscos foi consolidada. O estabelecimento de um sistema de aposentadoria por pontos resultará na redução da idade mínima para aposentadoria, na acentuação das desigualdades entre homens e mulheres e na anulação do reconhecimento da penosidade do trabalho. Se essa lei for posta em prática — sua aplicação se encontra no momento suspensa —, implicará uma redução maciça das aposentadorias de todos os assalariados. A demolição do sistema de repartição, por diversos motivos mais sólido que os fundos de pensão, faz suarem frio os aposentados que observam a enorme recessão que se aproxima.

A exploração aumenta em todos os setores econômicos. Com a pandemia, os assalariados estão sob pressão por toda parte, como nos hospitais e estabelecimentos para idosos, mas também no comércio varejista, no ensino, na indústria automobilística... todos expostos à contaminação pelo vírus. Invariavelmente, os governantes traçam uma rota em benefício do lucro dos mais ricos e dos acionistas, à custa daqueles que fazem sacrifícios constantes, os assalariados e aposentados. Os resultados, nos planos econômico, social e democrático, são desastrosos. Por toda parte os governos pressionam muito, utilizando um discurso ambíguo, quebrando promessas e recorrendo à violência. Há incontáveis casos de provocação policial, criminalização das resistências e repressão a militantes e sindicalistas. As leis liberticidas e o controle digital dos cidadãos se generalizam.

Sob pressão do capital, das instituições europeias e da globalização ultraliberal, os laçaios políticos da burguesia aumentam por toda parte sua agressividade em relação ao mundo do trabalho. O objetivo é pulverizar as proteções adquiridas pelas lutas sociais e as conquistas políticas da esquerda

Enquanto isso, o patronato segue com sua batalha ideológica. Depois da queda do Muro de Berlim, o capitalismo predatório passou a operar de forma natural por meio das leis do mercado e da Escola de Chicago, eliminando as alternativas. Isso se traduz em uma asfixia da democracia e das questões sociais, consequências longínquas da teoria do escoamento superficial.

Essa voracidade ganha novas perspectivas com a crise nos planos financeiro, sanitário (mercantilização da saúde) e digital (dominação das nossas vidas, das nossas necessidades e do nosso imaginário). Quanto ao Banco Mundial, ele oferece empréstimos usurários para pressionar ainda mais os países pobres.

O capitalismo é cada vez mais um fator descivilizatório, que discrimina todos os indivíduos com base nos recursos, poderes e saberes de cada um.

AS RESISTÊNCIAS POPULARES

Diante dessas políticas, o povo francês está engajado em um processo de resistência. Esses movimentos sociais não são uma particularidade hexagonal. Eles estão se tornando cada vez mais significativos em escala mundial, seja nas Américas, na África, no Magreb ou no Oriente Médio. Investem em campos cada vez mais vastos, em conjunto com o Movimento dos Indignados, as feministas ou os ecologistas. Tanto é que podemos nos ver entrando em um tempo de contestação mundial.

Em toda parte, os desafios globais que atingem nosso planeta, como o aquecimento global, as migrações, inclusive de refugiados, as guerras, as pandemias e a fome, suscitam mobilizações multiformes e ampliam a frente social na França.

As lutas contra as políticas econômicas e sociais aplicadas por diferentes governos exprimem também a amplitude dos descontentamentos e das aspirações.

O neoliberalismo desencadeou na França um aumento da desigualdade e uma expansão da pobreza. Uma exasperação e uma cólera profundas conduziram a um levante daqueles que vivem mal, que são ignorados e invisíveis, dos que são submetidos aos mecanismos de exploração, dominação e alienação. O enriquecimento insolente, o desprezo e o cinismo da classe dominante suscitam raiva e ressentimento inigualáveis, assim como formas de radicalidade de contestação, que constituem sintomas de declínio social. Assim, grande parte da França popular está enfrentando as injustiças com uma imensa vontade de se defender e ser livre.

Em face da insegurança humana que o capitalismo está desenvolvendo, vozes se erguem para acusar a dominação do capital e a ditadura dos acionistas. Embora devamos ser prudentes e não generalizar, esses movimentos traduzem à sua maneira um esgotamento do reinado do neoliberalismo.

Essa renovação das lutas sociais após um período de enfraquecimento ocorre enquanto as velhas estruturas das categorias sociais se desintegram parcialmente, o que enfraquece a solidariedade. Nesse processo, o patronato tem um papel determinante, já que organiza a atomização dos trabalhadores com a terceirização, a concorrência, a destruição das organizações representativas ou com novas formas de exploração, como o autoempresendedorismo.

Além do mais, no mundo dos dominados, não há mais uma figura central como o proletariado do século XIX e da primeira metade do século XX. Os explorados são agora mais numerosos, dispersos, fragmentados pela concorrência. As ações coletivas que constituem as greves e manifestações foram afetadas a longo prazo. No entanto, essas formas tradicionais recuperaram um vigor notável nas reuniões contra a Lei do Trabalho ou a reforma da previdência.

O coletivo ressurgiu também com o movimento dos “coletes amarelos” que não se apoia mais na figura do proletariado, mas na do “povo”. Essa expressão popular, cujo ponto de partida foi uma revolta contra o aumento dos impostos, é duradoura e traz uma radicalidade que marcou profundamente o país. Movimento auto-organizado que se apoia em redes sociais, faz da denúncia e da luta contra as “elites” ou as “oligarquias” seu objetivo central. Isso constitui também sua limitação, pois o povo não engendra seu ódio em função dos “privilegiados”, mas pela consciência de que eles representam um obstáculo à emancipação da maioria e são indiferentes às exigências vitais de coletividade e compartilhamento. A luta de classes não é raiva, mas consciência de um projeto político que combate as injustiças geradas pelo capitalismo e por todas as formas de dominação.

As relações entre essas diferentes tradições de luta foram tecidas, e as organizações sindicais tomaram consciência da diversidade das questões apresentadas pelas classes populares, implicando formas de renovação das lutas. O movimento operário, ainda que siga determinante, não é mais suficiente para exprimir a vontade do povo em todos os seus segmentos e sensibilidades. O feminismo, o reconhecimento dos direitos LGBT e o ambientalismo, por exemplo, constituem imperativos absolutos que abordam em um mesmo movimento o meio ambiente, a sociedade, a democracia e a cidadania. As formas de ação se adaptam às mutações do capitalismo. Entramos em uma fase de gestação, de recomposição, mas também de interrogação sobre as novas fendas que atravessam nossas sociedades.

O período atual na França é, portanto, marcado por um forte desenvolvimento de movimentos sociais que ecoam o que se passa no mundo. A luta de classes retorna como o principal fator da nossa vida política. Como essas resistências podem se coagular para derrubar os atuais governos?

MOVIMENTOS SOCIAIS E PERSPECTIVAS POLÍTICAS

A ofensiva neoliberal se tornou possível em parte por causa da desintegração da esquerda e do enfraquecimento das lutas sociais. A cada período, houve maior ou menor conjunção entre os movimentos populares e as estruturas políticas. Hoje coexistem a perda de confiança e a desaprovação em relação à política, o medo do futuro, o temor de se engajar e um sentimento de impotência.

No entanto, podemos considerar que o apelo à figura mobilizadora do “povo” manifesta não um vazio político, mas um desejo de política, apesar da dificuldade daqueles que se engajam em se reconhecer nas organizações políticas clássicas. O problema é transformar a raiva social em esperança política. Isso se torna possível quando o povo entra em luta por suas condições, seus direitos, quando se une conscientemente contra o sistema que produz a separação entre exploradores e explorados.

Essas lutas podem conduzir também à escolha de bodes expiatórios (desempregados, estrangeiros) e estimular o egoísmo e a indiferença ao sofrimento dos outros. Na França, como em outros lugares, o ressentimento contra o sistema e a “oligarquia” alimenta o populismo e o nacionalismo. A extrema-direita fez disso seu credo. O Reagrupamento Nacional não incita a cólera nacional, mas cultiva a raiva e o amargor. Isso constitui um grande perigo.

Consideremos também que essas lutas constituem uma oportunidade para o conjunto das forças progressistas. A derrota do soviétismo, a crise e as capitulações sucessivas da social-democracia distanciaram o povo da esquerda. A experiência social que sustentava o movimento popular turvou-se com o tempo. Seria ilusório pretender voltar a um estado anterior, mas confiar nas tradições populares de luta pode restaurar essa esperança social e reduzir o medo e as divisões.

O desenvolvimento das lutas sociais e a contestação ao neoliberalismo constituem momentos de fragilidade propícios às contraofensivas que desenvolvam projetos sociais, ecológicos e democráticos. O movimento popular só se transformará em ator político se reunir todos os seus componentes, sem deixar nenhuma de suas forças pelo caminho. Isso também pressupõe que se instale uma consciência da causa de todos esses males, ou seja, o capitalismo, mas também uma esperança de dar dignidade a um projeto fundado na igualdade, cidadania e solidariedade. Pensar na lógica do “comum” é fundamental para substituir as leis do mercado ou do Estado administrativo e para promover a apropriação social e democrática dos grandes meios de produção e troca.

Todas essas novas soluções se constroem em uma globalização que deve ser arrancada do ultraliberalismo, o que exige novas solidariedades internacionalistas para construir a segurança humana.

* Responsável-adjunto do setor internacional do Partido Comunista Francês (PCF), responsável pelo Magreb e Oriente Médio.

GRÉCIA / GREECE

Sob novas condições, estamos fortalecendo as ações do PC grego, aproveitando a experiência e as possibilidades para um contra-ataque político-ideológico e reunindo forças populares em torno do partido

Under the new conditions, we are strengthening the action of the KKE, taking advantage of the experience and the possibilities for an ideological-political counterattack and rallying of popular forces around the party

Aris Evangelidis*

A propagação da pandemia do coronavírus evidencia as patologias incuráveis do capitalismo, que está apodrecendo e apresenta múltiplos riscos à vida dos trabalhadores, tanto na Grécia quanto internacionalmente. A nova situação que está se configurando ajuda os trabalhadores a tirar conclusões valiosas e lidar com a propaganda de campanha do governo da Nova Democracia (partido burguês liberal), Syriza (partido social-democrata) e Kinal (partido da velha social-democracia).

O perigo real para os trabalhadores surge:

- a) da responsabilidade criminosa de todos os governos burgueses pelas enormes deficiências do sistema de saúde do Estado. Elas não são acidentais, mas resultado de uma política que comercializa a saúde e a medicina e sacrifica as necessidades sociais para propiciar os lucros capitalistas;
- b) da desaceleração da economia, que precede a disseminação do coronavírus e leva a uma nova crise de superacumulação de capital na Zona do Euro e inter-

- nacionalmente. O coronavírus não criou esse curso, mas o acelerou, e ele vai aumentar severamente o desemprego e a pobreza;
- c) da exploração da nossa situação como uma “oportunidade” para aplicar medidas antitrabalhistas, regulamentações reacionárias das relações de trabalho e novas medidas para suprimir ou restringir liberdades do povo e proibir suas mobilizações;
- d) do agravamento de tensões entre EUA, China, UE e outros poderes capitalistas como a Alemanha, a Rússia etc., no contexto de manifestações desiguais da crise e suas consequências nos vários centros imperialistas, o que aumenta o risco de guerra.

O SLOGAN “SOCIALISMO OU BARBÁRIE” É MAIS RELEVANTE QUE NUNCA!

As múltiplas consequências negativas para os trabalhadores provam, mais uma vez, que o socialismo é a resposta para o século XXI. O colapso do sistema público de saúde até mesmo no ápice do capitalismo, os EUA, apesar do heroísmo dos seus profissionais de saúde, a intensificação do trabalho e a falta até das medidas mais básicas de proteção, criando risco de vida e de saúde para os trabalhadores, o desemprego e as tentativas de novas e mais avançadas formas de exploração, como o teletrabalho, são apenas algumas das cenas diárias que revelam a ruína e a falência histórica do capitalismo.

Ao mesmo tempo, a busca por lucros e sua conseqüente concorrência menosprezam a capacidade da ciência e da pesquisa, que poderiam oferecer uma saída mais rápida para a pandemia e satisfazer as necessidades contemporâneas. A “guerra global” entre os Estados capitalistas e as gigantescas corporações pela patente da nova vacina, das terapias e dos suprimentos hospitalares vitais confirmam o que a maioria das pessoas em todo o mundo compreende e proclama: “O capitalismo é o verdadeiro vírus!” Tudo isso traz a necessidade de socialização dos meios de produção, distribuição e serviços, do planejamento científico centralizado, do socialismo.

Os ensinamentos da história do movimento trabalhista no nosso país e em todo o mundo são hoje mais relevantes do que nunca. Tudo que o proletariado obteve, conseguiu-o mediante batalhas duras e colisões com o capital e seu poder, invertendo uma correlação de forças que parecia inalterável.

Acima de tudo, a história provou que a classe trabalhadora, a força mais vanguardista da sociedade, pode, aliada às forças populares oprimidas, derrubar o poder do capital para construir uma nova sociedade, que terá seu foco na satisfação das crescentes necessidades populares.

A experiência da construção socialista no século XX, apesar de dizer respeito apenas a países em condições absolutas e relativas atrasadas — comparativamente aos padrões científicos e tecnológicos de hoje —, demonstra a superioridade do socialismo na proteção da saúde, seguros e trabalho e na proteção social extensiva. A

derrocada do socialismo e a retirada global do movimento trabalhista nem justificam a barbaridade do capitalismo em que vivemos nem paralisam a roda da história que, apesar das dificuldades e dos obstáculos, sempre segue em frente.

AS GRANDES CONTRADIÇÕES DO SISTEMA CAPITALISTA NÃO PODEM SER SUPERADAS POR UMA SIMPLES MUDANÇA GERENCIAL

A tentativa burguesa de empreender uma nova mudança, da gestão neoliberal para a keynesiana, com política fiscal expansiva, não pode anular a manifestação de uma nova crise do capitalismo, porque é incapaz de lidar com suas causas.

Especialmente nos últimos dias, têm-se intensificado processos e disputas europeus e globais para apoiar, de forma mais eficiente, a economia capitalista afetada. Os efeitos da pandemia de coronavírus certamente agiram como catalisadores do agravamento de sérios problemas pré-existentes na economia capitalista. O KKE¹ (t), mesmo quando o governo atual e o anterior estavam celebrando o “crescimento”, advertiu que o problema de superacumulação de capital, raiz da crise, não só não foi superado como está se agravando, aproximando-se o risco de uma nova crise, talvez mais rapidamente do que o esperado. Na verdade, a economia grega está ainda mais exposta a essas surpresas, devido à chamada “extroversão”, ou seja, à sua grande dependência do turismo e dos sistemas de transporte. Todos os governos anteriores da ND, Syriza e Pasok-Kinal erguiam a bandeira da extroversão, enquanto menosprezavam o grande potencial produtivo do país, que é valioso e necessário especialmente em condições como as atuais, simplesmente para atender à imposição dos lucros do capital e dos compromissos com a UE.

É com base nisso que se desenvolvem discussões sobre a necessidade de uma forte intervenção do Estado na economia. Essa política é implementada por todas as forças burguesas, independentemente de se apresentarem como antagonistas (neoliberais, forças da direita, social-democratas de todos os tons e outros). Essa identificação mostra sua concordância quanto à necessidade de um Estado burguês e seus aliados, como a UE, intervirem por meio de uma política fiscal expansionista, não para apoiar os trabalhadores e as pessoas, que novamente são vítimas em questões de saúde e de direitos, mas para beneficiar a rentabilidade dos grupos empresariais.

Também está confirmado que as gestões burguesas compartilhadas, selecionada a cada vez, não são determinadas por uma visão particular de política de cada governo burguês, mas pelas necessidades e prioridades do capital em dado momento. Por essa razão, afinal, temos visto forças social-democratas, como o Syriza na Grécia, aplicando políticas restritivas a que deveriam se opor, e forças neoliberais que agora estão sugerindo uma política mais expansiva, que costumavam criticar. Nada disso é novo. A história moderna está cheia de tais exemplos. De qualquer forma, o denominador comum é o seguinte: os trabalhadores serão novamente chamados a pagar

1 N. T.: Partido Comunista da Grécia.

pelos novos pacotes de resgate. Eles pagaram pelos memorandos² (2) e pelas duras medidas antipopulares dos últimos anos, e serão instados a pagar também pelos novos empréstimos e déficits, juntamente com as novas medidas já testadas com o “tubo de ensaio da assistência médica”, a pretexto da pandemia.

É por isso que estamos passando na Grécia neste momento. Por um lado, milhares de demissões, mudanças nocivas nos tipos de vínculo empregatício, trabalhadores com relações de trabalho flexíveis que não têm direito nem ao parco benefício de 800 euros, ruína de profissionais autônomos e fazendeiros. Por outro lado, uma quantidade enorme de dinheiro para grandes empresas e bancos. Essa é a política que o governo da ND implementa. Com diferenças mínimas, geralmente em termos de cronograma, ela também é evidenciada no programa do Syriza. Na verdade, essa ainda maior convergência entre ND e Syriza, que acontece sob a propaganda de falsas responsabilidade e unidade nacionais, pode determinar os desenvolvimentos políticos do próximo período. Isso também não é novidade. A tinta de sua assinatura no terceiro protocolo nem chegou a secar. Quando a estabilidade do sistema precisar, eles colocarão de lado suas já indistinguíveis diferenças. Ambos escondem a essência: que nessa enorme crise não é possível que tanto o capital quanto os trabalhadores ganhem. Alguém vai perder e alguém vai ganhar. E essa luta pelo amanhã deve ser organizada desde já pela classe trabalhadora e as outras camadas populares. Com demandas e objetivos de luta de hoje, pela saúde, pela vida, pela sobrevivência diária, mas que também visam ao verdadeiro oponente, o capital, seus governos e suas alianças.

GANHAMOS NOVA EXPERIÊNCIA, QUE DEVE SER UTILIZADA PARA FORTALECER A LUTA DOS TRABALHADORES E DO POVO

A situação que emergiu devido à pandemia do coronavírus impôs o imediato e necessário ajuste da operação e da ação do nosso partido e também da KNE³ (3). Uma adaptação do objetivo que nosso *slogan* central apresentou desde o primeiro momento, “*Continuamos fortes, não ficamos em silêncio*”, foi nossa resposta à inadequada propaganda governamental “Fiquemos em casa”.

O KKE buscou estar à frente da luta para lidar com os impactos da pandemia na saúde, no trabalho e nas condições gerais de vida e sobrevivência, ajudando a realizar tarefas básicas e cruciais integradas à estratégia do partido.

Desde os primeiros dias da quarentena e por toda a parte, os comunistas tomaram a iniciativa de luta nos sindicatos. Mobilizações de profissionais da saúde em dezenas de hospitais e centros de saúde, bem como em outros locais de trabalho importantes, foram organizadas em todo o país por iniciativa dos sindicatos e das forças que organizam o Pame (Frente Militante de Todos os Trabalhadores). De particular importância é a luta do KKE

2 Acordos antipopulares que os governos burgueses deliberaram juntamente com a UE, a união transnacional imperialista, em favor dos interesses da burguesia, estabelecendo centenas de leis que destruíram os direitos dos trabalhadores e do povo. O primeiro protocolo foi aprovado pelo governo do Pasok, o segundo, pelo governo da ND-Pasok, e o terceiro, pelo governo do Syriza, em 2015.

3 N. T.: Juventude Comunista da Grécia.

e das forças de classe da Pame no Dia do Trabalho, quando milhares de trabalhadores fizeram demonstrações bem organizadas e disciplinadas em Atenas e várias outras cidades, desobedecendo à tentativa do governo de cancelar os protestos de Primeiro de Maio.

Hoje, há oportunidade de fazer o contra-ataque ideológico e político do partido, para fortalecer o prestígio e o alcance das forças que compõem o movimento e o KKE. Ao mesmo tempo, percepções conservadoras e reacionárias, crenças metafísicas, teorias da conspiração e outras coexistem entre os mais pobres, paralisando qualquer concepção ou ação em busca de uma solução real.

Desse ponto de vista, é uma tarefa primordial e uma necessidade urgente que o KKE conduza uma luta decisiva para promover a saída estratégica que o partido sugere, e que não muda, seja qual for a versão sobre o surto do vírus e a disseminação da pandemia ou os interesses concorrentes. Isso precisamente porque o capitalismo é o vírus incurável e o socialismo é a única solução oportuna e realista para toda essa barbárie.

Essa nova fase, com suas características específicas, requer que o KKE adapte suas intervenções e ações políticas e que organize a luta de um modo muito específico, para que não avance a tentativa da burguesia de reunir as forças populares sob o Estado, as instituições burguesas e o governo.

Também requer que nos tornemos mais capazes de destacar as contradições fezozes e objetivas que têm sobressaído no sistema capitalista para o gerenciamento tanto da pandemia quanto da crise econômica. Ao mesmo tempo, precisamos mostrar que a nova crise traz à tona ainda mais nitidamente rivalidades imperialistas pela supremacia no sistema imperialista internacional, que a agressividade imperialista dos EUA, Otan e UE contra os povos está se fortalecendo, que os perigos de novas guerras e intervenções imperialistas, tanto no Mediterrâneo Oriental como no Oriente Médio e na América Latina, estão se multiplicando. A estratégia burguesa apresentada pelos governos do Syriza, tanto o atual como o anterior, em favor de um vínculo mais forte com os EUA e a Otan, precisa ser denunciada por forças populares mais amplas. É uma enorme mentira que esta seja a forma de garantir os direitos soberanos e os interesses do nosso país e do nosso povo. Os *slogans* “desvinculação da Otan e da UE”, “Não às bases dos EUA-Otan” e “Nenhum envolvimento nos planos imperialistas” deveriam ser compartilhados por mais e mais sindicatos e outras organizações populares.

De modo geral, precisamos perceber que estamos num momento em que as mudanças podem acontecer rapidamente e que a consciência pode mudar depressa, seja em uma direção positiva, progressista e subversiva, seja por um caminho mais reacionário.

Nossa principal meta é fortalecer, sistematizar e estabelecer a ação política, a presença e a intervenção do partido em todos os lugares, tornando-o uma força escla-recedora e organizadora da luta dos trabalhadores e do povo.

Estaremos em constante alerta enquanto mais e mais medidas antilaborais forem tomadas, enquanto grandes empregadores encontrarem oportunidades de diminuir salários e direitos trabalhistas, promovendo relações de trabalho flexíveis, enquanto o não pagamento de salários e as demissões forem comuns.

O principal critério para uma maior eficiência da nossa ação será nos esforçarmos *para mobilizar todas as forças do partido e da KNE e para estar à frente da luta a fim de que os trabalhadores não precisem pagar o preço da crise novamente.*

Precisamos trabalhar nossas táticas de lidar com as medidas do Estado e do governo, sobre as formas de luta, mas também sobre como abordar outras forças social-democratas e oportunistas, além da extrema-direita fascista, que intervém e intervirá ainda mais no futuro próximo. Todos eles buscam, como sempre fazem em momentos críticos, antecipar-se aos movimentos populares.

O partido e a KNE têm a responsabilidade de orientar, com base nas nossas experiências e ações, direcionando qualquer protesto espontâneo e até superficial para uma organização de massas voluntária e consciente da luta, por meio de várias formas de comitês de luta, de coordenação, de higiene e segurança e mediante mobilizações organizadas por setor, local de trabalho e bairro.

Pretendemos que as iniciativas dos comunistas em todas as áreas *se assentem nas possibilidades existentes para reunir e mobilizar muitas organizações em torno de demandas que abrirão novos caminhos para que mais e mais trabalhadores possam se unir e agir.*

Há questões importantes, como: garantia de renda para todos (benefícios de desemprego, subsídios de emergência para autônomos e demitidos, direitos trabalhistas etc.); saúde e bem-estar para todos, com o fortalecimento do sistema público de saúde, centros e unidades de saúde locais, contratação de enfermeiras escolares, medidas de saúde nos locais de trabalho, recrutamento de pessoal, requisições ao setor privado, abertura de unidades fechadas etc.; isenção de dívidas referentes a energia elétrica, água e telefone durante os meses de quarentena; rejeição de qualquer leilão de propriedades privadas, instalações comerciais e ferramentas de trabalho; recusa de confiscos bancários e anulação de dívidas; questões ambientais, como o problema de aterros sanitários que surgiram no oeste de Atenas, etc.

Não levantamos essas questões isoladamente, mas de forma integrada à luta anticapitalista e antimonopólio, em combinação direta com medidas rigorosas para que o capital, e não o povo, pague a conta por meio de medidas como: a abolição das várias isenções tributárias para grandes empreendedores; sua maior taxação e a isenção das camadas populares; a recusa de pagar as dívidas do Estado, que não foram criadas pelo povo; a retirada dos planos da Otan, que nos custam 4 bilhões de euros todos os anos; etc. Essas exigências levam a rupturas individuais e mais gerais e pavimentam o caminho para a desvinculação da Otan e da UE, de modo que o povo chegue realmente ao poder e construa uma nova sociedade socialista/comunista.

A ÚNICA MANEIRA DE O POVO TRABALHADOR NÃO PAGAR PELA CRISE É A LUTA E DO PODER PARA OS TRABALHADORES

O coronavírus será superado e a pandemia vai acabar, assim como já aconteceu no passado. O capitalismo, no entanto, é incurável e continuará a torturar a humanidade com a pobreza, o desemprego, as guerras e a destruição do meio ambiente, até que os povos decidam conduzir o processo de desenvolvimento.

O sistema atual só pode ser derrubado e substituído por um sistema social superior, o socialismo/comunismo, por intermédio do qual a propriedade social dos meios de produção sob poder dos trabalhadores, o planejamento científico e centralizado para a satisfação das necessidades do povo, o controle dos trabalhadores sobre todos os órgãos administrativos e a sua participação em todos os órgãos de poder, de baixo para cima, poderão levar à prosperidade do povo, à paz e ao progresso da humanidade.

* Membro da Seção de Relações Internacionais do Comitê Central do KKE (Partido Comunista Grego).

ESPAÑA / SPAIN

A unidade das forças populares para derrotar a ofensiva imperialista

The unity of the popular forces to defeat the imperialist offensive

José Luis centella*

Ninguém pode duvidar de que estamos em um momento da luta de classes que se reflete na ofensiva que o imperialismo desenvolve ao colocar todos os seus instrumentos econômicos, militares e de propaganda a serviço da recuperação do terreno perdido no início do século XXI e da eliminação da possibilidade de abrir caminho para um mundo multipolar. Trata-se de um plano desenhado globalmente e que se aplica localmente segundo as condições de cada região.

Dessa forma, por um lado a Lei de Segurança Nacional dos Estados Unidos propagandeia sem pudor esse plano, afirmando que os “EUA responderão à disputa política, econômica e militar que enfrentam, porque China e Rússia desafiam o poder estadunidense, sua influência no mundo e seus interesses, tentando corroer a prosperidade americana”. Ao mesmo tempo, recupera-se a Doutrina Monroe para tratar de derrubar — por todos os meios possíveis — os governos progressistas da América Latina, aproveitando-se do fato de que a década de avanços progressistas não consolidou as posições alcançadas e da ativação de conflitos na região da Ásia, para debilitar as relações entre China e seus vizinhos e justificar a entrada da frota dos EUA na zona ou a instalação da Otan nas fronteiras da Rússia e manter ativos os conflitos do Oriente Médio, apoiando a política agressiva de Israel.

Nessa ofensiva fica claro que todos os setores do capitalismo, sejam quais forem suas contradições internas, estão conscientes de que têm um inimigo comum: as forças que defendem o direito dos povos em todo o mundo de utilizar as riquezas e recursos naturais do planeta para melhorar sua qualidade de vida.

Portanto, nesse momento trata-se de sermos conscientes da necessidade que as forças progressistas e de esquerda têm de contrapor ao plano do imperialismo um outro plano. Frente ao plano dos capitalistas há que se propor um plano dos povos, porque, como disse José Martí, só se vence um plano com outro plano.

Avançar na cooperação e coordenação das forças anti-imperialistas é hoje o elemento que tornará possível enfrentar os desafios que nos impõe a luta de classes na atual conjuntura, ao passo que assumimos o desafio de disputar a hegemonia ideológica contra o pensamento reacionário, patriarcal, antissocial e autoritário a fim de ganharmos a maioria dos povos para a construção de uma sociedade mais justa, mais igualitária, mais democrática, mais solidária e defensora do meio ambiente.

Cooperação e coordenação que não podem ser impostas uniformemente, devendo se basear no reconhecimento e no respeito às distintas posições e na busca dos pontos que nos unem, precisamente em um momento em que a crise provocada pela extensão da pandemia de covid-19 acelera o processo de decadência da globalização neoliberal, que apesar de não ser novo, adquire nesses momentos uma nova dimensão. E deixa claro como os problemas da humanidade não se resolvem com um sistema de relações internacionais baseado em um mundo unipolar, onde os lucros das grandes potências se sustentam à custa da exploração dos recursos e das pessoas dos Estados menos desenvolvidos, o que se chama de teoria da soma zero.

A crise provocada pela extensão da pandemia de covid-19 tem questionado os princípios ideológicos do capitalismo e diminuído o poder dos Estados Unidos e da sua capacidade de hegemonia sobre o resto do planeta. A realidade é que nenhum Estado vê Washington como uma referência em medidas a serem tomadas para enfrentar a emergência. A novidade é que tampouco algum deles tem recorrido aos EUA para pedir ajuda econômica ou sanitária, como poderia ter acontecido em outros tempos. Entretanto, mais de 80 países se dirigiram com esse propósito à China, que está aparecendo diante dos povos do Primeiro Mundo como uma referência na hora de vencer a crise médico-sanitária, o que tem levado a um aumento da simpatia popular pelo país.

Porém, o declínio dessa globalização neoliberal provocou num primeiro momento uma relação violenta dos Estados Unidos com a América Latina, intensificando sua agressividade contra Cuba e Venezuela, ao passo que endurece a política dos governos submissos como o brasileiro, o colombiano e o equatoriano.

Ao mesmo tempo, a União Europeia continua seu caminho rumo à total perda de peso no arranjo internacional. Sua incapacidade para atuar de forma unitária ou solidária, a total falta de iniciativa e uma incapacidade produtiva que a torna totalmente dependente colocam-na diante da maior crise de sua história, na qual se

evidenciam todas as suas fragilidades e contradições internas, fruto de um processo de integração neoliberal e subordinado à Otan e de sua irrelevância no arranjo internacional.

Uma questão significativa neste momento é a desastrosa atuação dos organismos internacionais — Banco Mundial, FMI —, que voltaram a agir de forma servil aos EUA quando negaram ajuda à Venezuela para a compra de material sanitário, evidência de que não estavam pensando no interesse geral. É preciso destacar, especialmente, que as Nações Unidas estiveram praticamente ausentes nessa situação de emergência, demonstrando sua inutilidade para desenvolver os princípios que lhes deram origem.

Diante dessa evidente perda de simpatia pelos valores capitalistas por parte de milhões de seres humanos em todo o planeta, os poderes capitalistas não podem tolerar que a China responda melhor ao coronavírus, nem que tenha deixado menos mortes. A questão é que o sistema político e econômico chinês está sendo mais eficaz e solidário que o dos EUA e da UE na hora de defender a segurança de seus cidadãos. Os interesses capitalistas, encabeçados pelo presidente dos EUA, Donald Trump, estão atacando duramente a China, tentando recuperar um clima de Guerra Fria, com blocos claramente diferenciados em suas respectivas áreas de influência e nitidamente se enfrentando em todos os aspectos, desde o econômico ao político e militar, tratando de gerar um clima de confronto nas relações internacionais que permita um aumento da pressão militar internacional contra os Estados atualmente dependentes dos organismos econômicos internacionais.

Os Estados Unidos precisam de uma política externa agressiva porque buscam dominar as matérias-primas e os recursos naturais do planeta mediante a ocupação militar e o controle colonial, para manter as altas taxas de lucro das empresas multinacionais, o que os leva a aumentar o aparato militar e o controle ditatorial sobre os povos. Não é novo que, diante do fracasso do capitalismo liberal, os poderes econômicos apostem no fascismo como o melhor guardião dos seus interesses.

Frente a esse pensamento de caráter reacionário, antissocial, patriarcal e militar, as forças de esquerda, anti-imperialistas, e em especial os partidos comunistas devem apresentar uma proposta internacionalista a esta crise, que permita uma nova governança mundial baseada na multilateralidade e na horizontalidade das relações entre os Estados: uma ordem internacional que desenvolva um comércio justo de benefícios mútuos, na qual todos os povos ganhem. Ou seja: que se levante uma vez mais a bandeira do internacionalismo frente ao fascismo.

Com essa necessidade de uma nova governança mundial, faz todo o sentido a proposta de construir uma *comunidade que garanta um futuro compartilhado para a humanidade* e some vontades e esforços para conquistar uma cooperação que permita alcançar objetivos comuns, a fim de que todos os habitantes do planeta possam ter direito a uma vida digna e que possamos lutar juntos contra as situações de emergência como a que vive a humanidade nestes tempos.

Devemos construir uma nova ordem internacional baseada em novos princípios, novos valores e novas formas de representatividade da comunidade internacional, o que obrigatoriamente nos leva a recorrer à esquecida refundação da ONU, com uma nova partilha da participação de todos os Estados do planeta e uma nova dimensão das agências internacionais, dependentes das Nações Unidas e que regularmente são atacadas pela atual administração dos Estados Unidos. Também é preciso reconfigurar o papel das instituições econômicas que são os pilares do domínio do grande capital sobre os recursos econômicos, as matérias-primas e os recursos naturais do planeta, impondo políticas neoliberais que destruíram todos os elementos públicos de proteção social.

Nessa batalha contra o imperialismo são necessárias duas questões: em primeiro lugar, conscientes de que a América Latina é o território onde se está disputando uma batalha fundamental entre as forças que seguem defendendo um projeto de integração regional que permita dispor dos recursos e riquezas naturais para colocá-las a serviço da melhoria da qualidade de vida dos povos latino-americanos, no que seria o esboço de um amplo consenso popular em defesa de uma América Latina livre e próspera, e, do outro lado, as forças das oligarquias locais que pretendem voltar à situação de dependência dos EUA como a melhor fórmula para assegurar a defesa de seus interesses de classe. Essa questão reflete com toda a clareza o processo que levou Bolsonaro à Presidência do Brasil, manipulando a Justiça e deformando a legalidade institucional para evitar primeiro a continuidade de Dilma na Presidência, e depois a possibilidade de que Lula fosse candidato.

Ao mesmo tempo, é necessário acumular forças em defesa de um projeto constituinte na Europa, que esboce a reconstrução da economia, do modelo produtivo e da vida no continente, devastada por anos de neoliberalismo e que agora pode ser destruída de vez pela crise provocada com a extensão da covid-19.

Segundo essa análise, a cooperação econômica internacional deve experimentar grandes mudanças para estabelecer regras que permitam um melhor aproveitamento da economia para melhorar a qualidade de vida dos que são afetados pelas consequências da crise, sendo fundamental implantar novas fórmulas para um comércio internacional baseado em princípios justos, por meio do qual todos ganhem e que seja um instrumento para o progresso dos povos em bases sustentáveis de respeito à biodiversidade e à soberania alimentar, com uma grande defesa da recuperação ecológica do planeta.

O desenvolvimento das forças produtivas, os avanços tecnológicos e as descobertas médicas permitem enfrentar com êxito emergências como a atual. Portanto, é fundamental substituir o mercado neoliberal, que põe toda a economia e os recursos naturais do planeta a serviço das grandes empresas capitalistas. É necessário também se opor às regras e imposições unilaterais para sair da crise em prol do interesse geral, com solidariedade e fortalecendo os instrumentos de proteção social pública e as relações internacionais baseadas no benefício mútuo.

A questão básica para consolidar um novo marco de relações políticas, econômicas e culturais entre os Estados do planeta por meio de instituições internacionais é o esboço de um grande projeto de reconstrução do planeta que faça frente às consequências que a atual crise está provocando. Porque somente assegurando a toda a humanidade condições de vida dignas pode ter futuro qualquer projeto que pretenda desenhar um novo modelo de sociedade para este século XXI.

Com base em todos esses argumentos, é hora de fazer um amplo apelo, uma grande convocatória, que de forma plural, diversa, intensifique todas as iniciativas, foros e encontros e os reúna em um amplo movimento que chame a atenção para um *grande projeto de interesse geral*. O que nos levaria a essa grande comunidade, com um futuro compartilhado para toda a humanidade, para sair dessa terrível experiência que estamos sofrendo mais unidos, mais solidários, mais convencidos do que nunca na história de que para além das fronteiras, das cores de pele, dos lugares de nascimento, das culturas ou religiões, juntos podemos enfrentar com sucesso os desafios que o futuro nos impõe e derrotar a injusta globalização neoliberal, para construir uma grande comunidade na qual estejam incluídos todos os povos do planeta.

* Presidente do Partido Comunista da Espanha

RÚSSIA / RUSSIA

O algoritmo da vitória

The algorithm of victory

conselho de experts do centro para iniciativas sistêmicas da Rússia

No dia 24 de abril de 2020, a mídia estadunidense publicou um documento interno, de 57 páginas, do Comitê Nacional de Campanha ao Senado do Partido Republicano. Ele dizia que “a China causou a pandemia ao acobertá-la, mentir e estocar o suprimento mundial de equipamentos médicos”¹. A China também é chamada de “uma adversária que roubou milhões de empregos estadunidenses, enviou fentanil para os Estados Unidos e conduziu minorias religiosas para campos de concentração”².

Devemos entender, claramente, que o documento publicado é o começo de uma guerra informacional em grande escala. De acordo com o plano de analistas ocidentais, a liderança chinesa desempenha o papel de vilã mundial nessa guerra. Isso

1 Cf.: Corona big book. Disponível em: <<https://static.politico.com/80/54/2f3219384e01833b0a0ddf95181c/corona-virus-big-book-4.17.20.pdf>>.

2 Ibid.

é muito sério e deve ser levado em consideração! A adequação e a precisão dos fatos nesse documento não importam. Verdadeiros ou falsos, jogam a favor da implementação do plano tático que designa a China como principal adversário e “causa de todos os problemas”.

Se analisarmos o documento com cuidado, fica claro que nele foram usados todos os estereótipos ocidentais sobre a China. De fato, esse documento mostra o plano de explicar à população ignorante do Ocidente, incluindo os Estados Unidos, apenas uma coisa: a China é o inimigo, ou o inimigo é a China. Nesse sentido, é necessário não apenas tomar nota do fato de que a primeira fase da guerra já começou, mas também entendê-la efetivamente. Ao mesmo tempo, os Estados Unidos mudaram sua doutrina global. Podemos chamar essa guerra de fria, híbrida ou informacional-algorítmica, mas isso não importa, já que a questão não está na classificação utilizada, mas no fato de que todos sabem quais são as implicações dessa guerra e o que ela significa para todos.

De acordo com os roteiristas do Ocidente, a China será responsabilizada por tudo; fazem dela a sua desculpa³ (3). Eles agiram da mesma forma em relação à União Soviética. Sem entender o cenário ocidental, a liderança da União Soviética tentou responder com fatos às provocações. Mas o Ocidente não precisava deles. Apenas incentivou a histeria. E a União Soviética, temendo e tomando a via do descarrego, teve vergonha de assumir o que estava de fato acontecendo. As ações da liderança da União Soviética levaram ao domínio emocional e psicológico por parte dos Estados Unidos aos olhos das massas ignorantes do mundo capitalista. Agora há um grande risco de a China seguir o caminho desse cenário montado pelos Estados Unidos. Infelizmente, vemos que os camaradas da China, embora trabalhem duro, ainda não aprenderam todas as lições da derrota da União Soviética.

Deve-se notar que, infelizmente, a maioria dos meios de comunicação de massa hoje trabalha de acordo com os interesses de grupos corporativos transnacionais, o que leva automaticamente ao alinhamento com a posição pró-Estados Unidos. O que isso significa? Na verdade, devemos reconhecer claramente que toda a mídia mundial, falando sobre a ameaça da China e tentando destruir sua aliança com a Rússia, trabalha para o capital internacional e instiga uma guerra mundial. Talvez alguns blogueiros e apresentadores de TV, inscritos em um cenário bem pensado, apoiem inconscientemente a propaganda pró-Estados Unidos, mas isso não os desculpa nem nega suas ações.

3 Cf.: “Chinese diplomat promotes conspiracy theory that US military brought coronavirus to Wuhan”. Disponível em: <<https://twitter.com/zlj517/status/1238111898828066823?fbclid=IwAR1-J9ndyOxnzYer-RfnnLLqZbNUdzJd9qKLhd1cxMwBf9k3CmNzszCN8A>>; “China firmly opposes embroiling China in U.S. electoral politics”. Disponível em: <<http://en.people.cn/n3/2020/0428/c90000-9684820.html>>. “Ten questions the US needs to offer clear answers to the world”. Disponível em: <www.globaltimes.cn/content/1187239.shtml>.

BÉLGICA / BELGIUM

A crise do coronavírus, catalisadora do desenvolvimento da consciência e do orgulho de classe

The coronavirus crisis, a lever for the development of class consciousness and pride

Benjamin Pestieau*

A crise desencadeada pela pandemia de covid-19 ressaltou o papel central da classe operária na produção e no funcionamento geral da sociedade. Isso oferece uma base importante para o desenvolvimento renovado da consciência e do orgulho de classe e, portanto, de novas possibilidades para o desenvolvimento mais amplo da luta pela emancipação ante o capitalismo.

São os trabalhadores que fazem a sociedade funcionar.

“Não são aqueles que vestem ternos chiques que fazem as máquinas funcionar, mas *nós*, as pessoas com uniforme de trabalhador. E não apenas em nosso país. A tomada de consciência e o respeito por aqueles que sujam as mãos em nossa sociedade aumentou enormemente¹.” Assim Walter Joos, delegado sindical na Agfa Gevaert (Bélgica), resume um sentimento geral entre os trabalhadores.

A crise hoje expõe aos olhos de todos que o lugar dos ofícios manuais na hierarquia da utilidade social — o quão essenciais são — contrasta violentamente com a sua escala de remuneração e de reconhecimento público².

Robert Reich, professor de Políticas Públicas em Berkeley, na Califórnia, estima que 30% dos trabalhadores têm funções indispensáveis durante a crise de coronavírus. Entre eles, os cuidadores, os trabalhadores domésticos, os profissionais de educação infantil, os trabalhadores agrícolas, os da indústria alimentícia, os motoristas de caminhão, os trabalhadores de depósitos e de transportes públicos, os empregados nas farmácias, os trabalhadores de limpeza, os bombeiros³ ... A esses somam-se os trabalhadores da indústria química, que produzem as matérias-primas necessárias para a fabri-

1 Disponível em: <www.dewereldmorgen.be/artikel/2020/05/12/spanning-loopt-op-bij-agfa-gevaert-temortsel-wij-zijn-meer-waard-dan-een-stuk-chocolat>. Acesso em: 17 jul. 2020.

2 Mauger. Disponível em: <www.humanite.fr/debat-classes-populaires-vers-une-reconnaissance-decelles-et-ceux-qui-font-reellement-tourner-le>. Acesso em: 17 jul. 2020.

3 Disponível em: <www.theguardian.com/commentisfree/2020/apr/25/covid-19-pandemic-shines-a-light-on-a-new-kind-of-class-divide-and-its-inequalities>. Acesso em: 17 jul. 2020.

cação de máscaras cirúrgicas ou outros materiais sanitários, os lixeiros, o conjunto dos servidores públicos e ainda os trabalhadores informais que constituem, na maior parte dos casos, os elos subterrâneos da cadeia de produção alimentar. São os heróis da classe trabalhadora. Sem eles, não sobreviveríamos em tempos de pandemia. Não seríamos cuidados, não seríamos alimentados, não estaríamos em segurança.

E, no entanto, eles não recebem remuneração suficiente, não são reconhecidos o suficiente e com frequência são considerados — de forma errônea — não qualificados⁴.

A professora Farris e o sindicalista Bergfeld observam que a produção capitalista necessita do trabalho deles para prosperar, “mas os capitalistas querem lhes pagar o mínimo possível, ou mesmo, idealmente, nada”⁵.

A revelação de sua utilidade social e da inutilidade social dos capitalistas é um primeiro e importante passo para a classe trabalhadora nesta crise. São os trabalhadores que continuam a fazer o país funcionar. E os aplausos e manifestações de apoio são importantes para ancorar esse fato na consciência coletiva com um objetivo imediato: restabelecer a harmonia entre a utilidade social dos ofícios e suas condições salariais e de trabalho. Há mais do que isso, porém.

EXTRAÇÃO DA MAIS-VALIA EM TEMPOS DE CORONA

Desde os primeiros dias de confinamento, diversos trabalhadores entraram em luta. Por sua saúde. Existem, evidentemente, profissões em setores essenciais dos quais depende a sobrevivência da sociedade — em período de crise do coronavírus — e que devem ser protegidos por estarem na linha de frente do vírus. Mas existem também os trabalhadores dos setores não essenciais que precisaram lutar para interromper temporariamente a produção, a fim de não contribuir para a propagação do vírus.

As lutas mostram fases e facetas diferentes da mesma luta de classes. E revelam até que ponto o domínio da produção — a atividade de produzir bens — constitui um aspecto central do sistema capitalista. Essas lutas lançam luz sobre quem realmente cria as riquezas, mas também questionam o que é produzido e por interesse de quem.

As reações das federações patronais nos dias de greve geral são com frequência instrutivas. Elas realçam os “custos” gerados pela greve e sublinham, de forma indireta, que quando os trabalhadores não trabalham... nenhuma riqueza é produzida. Assim, a última greve geral na Bélgica — em 13 de fevereiro de 2019 — “custou” 100 milhões de euros, segundo a União das Classes Médias⁶.

Economicamente, os efeitos do confinamento associado à pandemia são comparáveis aos de uma greve geral de várias semanas. Os trabalhadores estão em casa e não produzem nada. O Fundo Monetário Internacional estima que a perda acumulada do PIB mundial entre 2020 e 2021 em razão da crise poderá chegar a US\$ 9 trilhões⁷.

4 O’Shea. “Les emplois non qualifiés n’existent pas”. *Monde diplo*, maio 2020, p. 28.

5 Disponível em: <<https://spectrejournal.com/the-covid-19-crisis-and-the-end-of-the-low-skilled-worker>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

6 Disponível em: <www.rtl.be/info/video/698309.aspx>. Acesso em: 17 jul. 2020.

7 Disponível em: <www.imf.org/fr/News/Articles/2020/04/14/blog-weo-the-great-lockdown-worst-economic-downturn-since-the-great-depression>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Para Marx, existem duas fontes de valor: a natureza e o trabalho. E ambas são exploradas. A exploração do trabalho tem algo de específico: ela gera a mais-valia. E é isso que interessa ao capitalista. A mais-valia é o valor criado pelo trabalho do operário assalariado para além do valor pago por sua força de trabalho. O capitalista se apropria gratuitamente dela. A mais-valia é o fruto do trabalho não pago ao operário, e é isso que produz o lucro do capitalista. A extração dessa mais-valia — a exploração — só é possível porque a classe capitalista possui — por enquanto — os meios de produção, enquanto a classe operária não os possui e dispõe apenas da sua força de trabalho para ser vendida em troca da sobrevivência.

Com o confinamento, e pela primeira vez em muito tempo, a questão central dos capitalistas não era aumentar a mais-valia, mas simplesmente extraí-la. Dito de outra forma, os capitalistas tiveram de fazer os trabalhadores trabalharem. E é à luz dessas leis fundamentais que se deve analisar a forma pela qual os Estados Unidos, a Bélgica ou ainda a Itália determinaram quais seriam os setores chamados “essenciais”, impedidos de entrar em *lockdown*.

Se, por toda parte, os setores de cuidados e de distribuição alimentar foram evidentemente tomados como essenciais por causa de sua utilidade social, é instrutivo que diversos setores da produção — automóveis, química etc. — sejam todos igualmente considerados essenciais.

Nos Estados Unidos, a lista de setores “essenciais” elaborada pelo Departamento de Segurança Interna comportava quase todas as atividades da produção fabril⁸. Na Bélgica, o decreto real que designou os setores essenciais ampliou o conceito até englobar dois dos três milhões de trabalhadores do setor privado⁹. Na Itália, a poderosa federação patronal Confindustria lutou para manter a atividade produtiva nas regiões mais atingidas pela pandemia, o que contribuiu para espalhar o vírus e dizimar a população¹⁰.

O acirramento dos *lobbies* patronais para incluir os setores de produção industrial entre os setores essenciais demonstra na realidade o caráter indispensável do trabalho e desses trabalhadores na criação da mais-valia sequestrada pelos capitalistas.

LUTAR PARA PROTEGER A SAÚDE

E, diante desse acirramento patronal, há uma resistência do mundo do trabalho. Em vários setores, foi necessário parar a produção em fábricas que não produzem bens de primeira necessidade e garantir os meios de proteção para as indústrias “essenciais”. Para salvar vidas. Citando-se apenas alguns exemplos, os trabalhadores da

8 Disponível em: <<https://spectrejournal.com/how-just-in-time-capitalism-spread-covid-19>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

9 Disponível em: <www.lalibre.be/belgique/politique-belge/secteurs-essentiels-le-gouvernement-joue-avec-la-sante-de-23-des-travailleurs-selon-le-ptb-5e7c55139978e228414234a7>. Acesso em: 17 jul. 2020.

10 Disponível em: <www.revuepolitique.be/blog-notes/covid-19-crimes-et-profits-du-patronat-italien>. Acesso em: 17 jul. 2020.

Audi em Bruxelas ou da Volvo Trucks em Gand, da Van Hool na província de Antuérpia ou da Safran Aero Booster em Liège interromperam a produção das empresas.

Mas mesmo nos setores essenciais a resistência por segurança sanitária está crescendo. Nos Estados Unidos, a vemos no setor de processamento de carnes. Os trabalhadores da Perdue Farms fizeram greve porque “estavam cansados de arriscar a vida por frangos”¹¹. Na França, sob pressão dos sindicatos, um juiz do tribunal de Nanterre estimou que a Amazon France havia “ignorado de forma evidente sua obrigação de oferecer segurança e prevenção à saúde dos assalariados”. O juiz restringiu as atividades a produtos essenciais e autorizou os sindicatos a participar da análise de riscos nos depósitos da empresa¹².

Em toda parte, a ação sindical e as greves salvaram vidas, mas mostraram mais uma vez que nada é dado à classe operária.

Porque, tanto no período de confinamento quanto no de desconfinamento, o patronato está na ofensiva. Se o grande patronato precisou às vezes consentir na interrupção temporária das cadeias de produção durante os *lockdowns*, isso não o impediu de retomar as atividades das empresas mesmo quando isso fosse considerado em larga medida prematuro pelos virologistas. Como declarou Francis van Eeckhout, CEO da De Ceuninck Plastics, ao jornal financeiro belga De Tijd: “Se a taxa de mortalidade voltar a 300 por dia¹³, talvez seja necessário dizer ‘E daí?’”¹⁴.

O mundo político não descansa. Trump tem a companhia de Johnson (Grã-Bretanha) e De Wever (Bélgica) ao defender durante a devastação da epidemia: “We cannot let the cure be worse than the disease.” Em tradução livre: a economia sofre mais do confinamento que do coronavírus. É por isso que é preciso retomar rapidamente a economia.

Os governos impuseram — em velocidades variáveis — confinamentos e desconfinamentos com base nas pressões patronais. E se ao final regras sanitárias elementares foram adotadas pelo governo¹⁵, foi graças à pressão de diversas lutas dos trabalhadores e à pressão sindical, ou, clinicamente, para preservar a mão de obra qualificada da qual os capitalistas dependem. É nesse sentido que Marx analisou as primeiras legislações fabris: na verdade, o Estado protegia os capitalistas de sua própria ganância de curto prazo, que destruía a mão de obra¹⁶.

11 Disponível em: <<https://dfw.cbslocal.com/2020/03/24/this-not-game-food-plant-workers-walk-out-over-coronavirus-concerns/>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

12 Disponível em: <www.rtb.be/info/economie/detail_coronavirus-la-justice-ordonne-a-amazon-france-de-limiter-son-activite-aux-produits-essentiels?id=10481963>. Acesso em: 17 jul. 2020.

13 O pico de mortes diárias em razão da covid-19 havia sido de 340 vítimas, em 12 de abril de 2020. Disponível em: <<https://statbel.fgov.be/fr/covid-19-donnees-statbel>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

14 De Tijd, 24 abr. 2020.

15 Regras frequentemente descumpridas: inspeções trabalhistas na Bélgica constataram 85% de infrações nas empresas controladas durante as primeiras semanas do confinamento.

16 Marx. *O Capital*. Livro I, cap. XV. Disponível em: <www.marxists.org/francais/marx/works/1867/Capital-I/kmcapl-15-9.htm>. Acesso em: 17 jul. 2020.

O PROLETARIADO NO CENTRO DA SOCIEDADE PÓS-CORONA

Com a crise do coronavírus, a imensa maioria da classe trabalhadora faz seus primeiros questionamentos, premissas de uma consciência de classe a ser reconstruída.

Por que reconstruída? Porque se a classe trabalhadora — com seu núcleo ativo no nível da produção e várias outras camadas de trabalhadores assalariados — é objetivamente a classe que produz as riquezas e que tem potencial para ser a agente da mudança de sistema econômico, ela normalmente não possui consciência disso. Certamente não depois da ofensiva neoliberal dos anos 1980. A crescente dispersão da classe operária e o declínio de sua organização e de sua consciência fizeram com que seu desaparecimento fosse anunciado, em ondas, por diversos ideólogos, inclusive da esquerda: o filósofo francês André Gorz, nos anos 80 (*Adeus ao proletariado*), Michael Hardt e Antonio Negri, em meados dos anos 90 (*Império*). Esses obituários enterram em um mesmo movimento a classe operária, seus interesses e seu papel na luta pela transformação das relações de produção.

Esse declínio da consciência de classe, acentuado por uma teorização com sotaque de esquerda, provocou um ruído ideológico em que, como nota o casal de sociólogos franceses Pinçon-Charlot, “a dominação da classe burguesa aparece como uma ordem natural, ideia amplamente interiorizada pelo povo”¹⁷.

Entretanto, o choque provocado pela pandemia e as lutas que dela decorrem podem subverter esse estado das coisas. Como escreveu o secretário sindical belga Arnaud Levêque:

Se os sindicatos conseguirem promover uma consciência coletiva baseada nesses diferentes ressentimentos individuais, então existirá uma brecha para que renasça uma “consciência de classe” entre os trabalhadores, que potencialmente pode reverter essa correlação de forças tão desfavorável para nós nos últimos 40 anos, resultado das políticas neoliberais. [...] Devemos adotar uma estratégia real rapidamente, antes que a brecha aberta pela pandemia se feche, mas que deve também, e sobretudo, se inscrever no longo prazo. Ela deve estar à altura dos desafios da nossa época, nos dar capacidade de resistir às forças reacionárias e ao mesmo tempo nos afirmar e nos mobilizar para a construção de um futuro desejável para todas e todos. [...] Retomar o poder sobre o trabalho e, portanto, sobre o processo de produção de riquezas, sobre seu conteúdo e suas modalidades, é retomar o poder coletivo sobre a sociedade. E a sociedade somos nós¹⁸.

De fato, a classe trabalhadora não poderá caminhar na direção de uma sociedade livre da exploração se os trabalhadores não ganharem a consciência (subjéctiva) que forma uma classe, compartilhando os mesmos interesses. Que eles tomem consciência do lugar fundamental que a classe trabalhadora ocupa na produção e, de forma mais

17 Disponível em: <<https://journals.openedition.org/lectures/15952>>. Acesso em: 17 jul. 2020.

18 Disponível em: <www.revuepolitique.be/crise-du-covid-19-monde-du-travail-et-strategie-syndicale>. Acesso em: 17 jul. 2020.

ampla, na sociedade. Trata-se de um primeiro nível de consciência, indispensável. Para isso, é de importância decisiva a luta sindical, à qual devemos acrescentar a luta política, para desenvolver o que Lênin chamou de verdadeira consciência de classe política, e para que a classe operária reaja “contra todos os abusos, todas as manifestações de arbitrariedade, de opressão, de violência, quaisquer que sejam as classes vitimadas”¹⁹.

Ele acrescenta, em um texto sobre a essência do marxismo, que

Os homens sempre foram e sempre serão, na política, os ingênuos enganados por outros e por si mesmos, a menos que aprendam, diante das frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, a discernir o interesse de tais ou tais classes. [...] E para vencer a resistência dessas classes existe apenas um meio: encontrar, na própria sociedade à nossa volta, educando e organizando para a luta, as forças que podem — e, por sua situação social, devem — se tornar a força capaz de varrer o velho e criar o novo²⁰.

A classe operária — em todo o mundo — pode ser hoje essa força que traz um mundo novo. Como classe consciente e orgulhosa de si mesma. Como classe consciente de seus interesses e consciente de seu papel histórico para reunir à sua volta todas as camadas oprimidas da sociedade em lutas que levarão a uma sociedade superior ao capitalismo.

* Membro do escritório do Partido Trabalhista da Bélgica e responsável pelas relações sindicais da organização.

19 Lênin. *Que faire?* 3. Politique trade-unioniste et politique social-démocrate, c) Les révélations politiques et l'éducation de l'activité révolutionnaire. 1902.

20 Lênin. “Les trois sources et les trois parties constitutives du marxisme”. 1913. Disponível em: <www.marxists.org/francais/lenin/works/1913/03/19130300.htm>. Acesso em: 17 jul. 2020.